

12 de setembro de 1.963 - 5a. feiraNº324A CRÔNICA DA CIDADE

Era uma vez, no tempo em que os bichos falavam, quando as coisas e os objetos também tinham vida, e falavam e pensavam como gente, era uma vez um pequeno banco...

E desde que ele fôra fabricado, ou melhor, desde que ele nascera, que ele se sentira um bocado revoltado. E, em parte ele tinha razão de ser; pois afinal de contas, desde a mais tenra idade sempre tivera sobre si, umas letras de propaganda do que nem ele mesmo sabia o quê.

E, nem bem nascera e lhe colocaram aquelas letras, das quais ele tinha uma raiva doentia, enviaram-no para um jardim.

E, vendo em torno de si mais uma infinidade de outros bancos todos carregando publicidade, o banquinho se resignou com a sua sorte e resolveu de se acomodar com a situação.

E no jardim, que era conhecido como "praça" e que tinha o nome de um grande brasileiro, o "Rui Barbosa", o banquinho se sentia importante...

E ele tinha razão de ser orgulhoso, pois o jardim nem flores tinha e menos ainda algum gramado...

Mas, o tempo foi passando, e <sup>o</sup> mão do homem foi se fazendo notar...

~~Exatamente~~ E algum tempo depois, o banquinho já se sentia novamente raivoso, vendo que os casais de namorados já não paravam mais e já não sentavam mais, pois tinham uma nova distração, que era apreciar as flores do jardim...

Mas, a primavera durava pouco tempo, e tão logo ela findava, o banco do jardim retornava à sua antiga posição.

Um dia, porém, tudo mudou.

Homens chegaram e fizeram uma confusão danada bem no meio do jardim.

E pouco tempo depois, com a praça cheia de gente, e com discursos e mais discursos e um enorme foguetório, o banco, pisado por todo mundo, tentava ainda erguer-se mais para ver de que



se tratava. Mas, nem foi preciso, pois debaixo de enormes aplausos, o banco pôde apreciar um colorido diferente. E quando todo mundo foi embora, o banco do jardim, vendo ao longe a bonita fonte luninosa, ficou com mais raiva e mais inveja ainda.

E, com seus companheiros, deve quem sabe lá, tramado qualquer coisa, pois com aquele bonito jôgo de luzes e bem no centro da praça, a fonte tinha que ser fatalmente a Rainha do Jardim.

E, tempos depois, aconteceu alguma coisa. Sim, deve ter acontecido pois nunca mais se acendeu a fonte luninosa. O chafariz ficou de todos esquecidos, e com a sêca que veio inclemente, o banco voltou a ter o seu lugar de destaque.

E êle, mesquinho como deveria sempre ter sido, ainda hoje deve estar vibrando de contentamento, vendo que a Praça Rui Barbosa tem, como as pequenas pracinhas dos lugarejos menores do mundo, como sua única atração, apenas os bancos, os bancos do jardim, e nada mais...